

Fenomenologia hermenêutica: da filosofia à pesquisa qualitativa no ensino – educadores dialógicos e perspectivas de mundo

GEISA DA SILVA MEDEIROS¹

JOÃO BERNARDES DA ROCHA FILHO²

Resumo

A fenomenologia, para educadores dialógicos, apresenta-se como instrumento essencial na avaliação crítica e na construção das diferentes visões de mundo, as quais conduzem ao ensino. Também possibilita a verificação, o estudo e o esclarecimento dos fenômenos em sala de aula – e para além dela –, bem como os relacionados às perspectivas e orientações do pesquisador no ensino e na educação. Para sua articulação, é aplicável a hermenêutica, como compreensão da realidade, na observação reflexiva/refletiva e descritiva dos fenômenos, com consciência intencional e objeto intencionado. A hermenêutica nasce na fenomenologia, da necessidade do aprender junto, de compreender a realidade, de captar as intenções na sua essência mais pura no contexto dos acontecimentos. A fenomenologia hermenêutica permite a compreensão e a interpretação provindas da imersão do observador no mundo do observado, a aproximação com o fenômeno e a reestruturação da própria visão de mundo. A proposição de uma pesquisa qualitativa para o ensino e a educação, com essas concepções, permite ir ao significante, cuja emersão se dá na aproximação com o fenômeno em si e, fundamentado na compreensão e na interpretação, busca o significado a partir do contexto em que o significante se mostra, com a inserção das visões de mundo do próprio pesquisador como sujeito ativo de sua pesquisa.

Palavras-chave: Educação dialógica. Fenomenologia reflexiva. Interpretação dos fenômenos.

Abstract

The phenomenology, for dialogic educators, presents itself as an essential tool in the critical evaluation and in the construction of different world views for the

teaching. It allows the verification, study and explanation of phenomena in the classroom as well as those related to the prospects and directions of research in education. For its articulation, hermeneutics, as an understanding of reality, is applicable in the reflective/reflected and descriptive observation of phenomena with intentional consciousness and intended object. The hermeneutics was born in phenomenology, by the need to learn together, to understand the reality, to grasp the intentions in its purest essence in the context of events. The hermeneutic phenomenology, allows the understanding and interpretation from the observer's immersion in the world of the observed, the approximation with the phenomenon and the restructuring of own worldview. The proposition of a qualitative research for teaching, with these conceptions, allows to go to the signifier, emerging in the approximation in the phenomenon itself that, based on understanding and in the interpretation, search the meaning from the context in which the signifier is shown, with the inclusion of worldviews by the own researcher as an active subject of his/her research.

Keywords: Dialogic education. Reflective phenomenology. Interpretation of phenomena.

Resumen

La fenomenología de educadores dialógicas, se presenta como una herramienta esencial en la evaluación crítica y la construcción de diferentes visiones del mundo, que conducen a la enseñanza. Permite la verificación, el estudio y la explicación de los fenómenos en el aula, y más allá, así como los relacionados con las perspectivas y líneas de investigación en la enseñanza y la educación. Para su articulación, se aplica la hermenéutica, como la comprensión de la realidad, la observación reflexiva/reflectiva y descriptiva de los fenómenos con la conciencia intencional y el objeto pretendido. La hermenéutica nace en la fenomenología, la necesidad de aprender juntos, para comprender la realidad, para capturar las intenciones en su esencia más pura en el contexto de los acontecimientos. La fenomenología hermenéutica permite la comprensión e interpretación del observador derivaron inmersión en el mundo de la observada, la aproximación al fenómeno y la reestructuración de la propia visión del mundo. La propuesta de una investigación cualitativa para la enseñanza y la educación, con estas ideas, permite ir al significativo, emergente de aproximación al fenómeno en sí que, con base en la comprensión e interpretación, buscar el significado por el contexto en el que el significante se muestra, con la inserción de las visiones del mundo del investigador, como sujeto activo de su investigación.

Palabras clave: Educación dialógica. Fenomenología reflexiva. Interpretación de los fenómenos.

Fenomenologia reflexiva e hermenêutica

A fenomenologia é o estudo das essências, uma doutrina universal que integra a ciência da essência do conhecimento (HUSSERL, 1990). É um método que utiliza a percepção e a consciência para compreender o mundo a partir de sua “facticidade”³, tentando descrever de modo direto a realidade realmente apresentada, “[...] sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1). Visa contatar e possuir, ou seja, apropriar-se do que já é daquele que observa, porquanto é único e autêntico autor da interpretação do fenômeno, o qual, em última instância, é a única realidade à qual lhe é permitido acesso.

Em sua origem etimológica, fenômeno é o sentido de ser de tudo o que é. É sua essência, o que se mostra na maneira em que aparece, por isso não pode o fenômeno ser proprietário de si mesmo, mas sim daquele que o observa. Já o aspecto *logos* da fenomenologia está relacionado à constituição da consciência significativa no domínio do ser que observa. Assim, o ser que observa é, simultaneamente, proprietário do fenômeno e também seu intérprete. Sob o ponto de vista fenomenológico, em cada visitação da consciência ao fenômeno, há uma retomada e uma revelação de um novo sentido do que se mostra, conduzindo o observador a uma concepção da essência correlacionada à revelação inesgotável das infinitas possibilidades da instância observada (SEIBT, 2012).

Para Edmund Husserl (1990, p. 46), considerado o fundador da fenomenologia, esta “[...] designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico”, apresentando-se, inicialmente, como uma “psicologia descritiva”, ou seja, o ato de retornar “às coisas mesmas”, à percepção do mundo anterior ao conhecimento e em relação à “qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 4). Nesse âmbito, a argúcia é o palco para o desenvolvimento das atitudes e das hipóteses, não estando relacionada à cientificidade nem ao posicionamento de decisões nas quais pensamentos e percepções explícitas estão concatenadas ao mundo, considerado como meio natural. Trata-se de considerar o mundo como nossa representação antes de sermos homens ou seres baseados somente em nossa experiência, “[...] mas enquanto somos todos uma única luz e participamos do Uno sem dividi-lo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 7).

A fenomenologia, para educadores dialógicos, apresenta-se como instrumento essencial na avaliação crítica e na construção das diferentes visões de mundo, as quais conduzem ao ensino. Esta possibilita a verificação dos fenômenos em sala de aula (aspectos físicos, comportamentais e psicológicos dos alunos e professores), bem como os relacionados às perspectivas e orientações do professor e do pesquisador no ensino, para o próprio fenômeno esclarecê-lo e estudá-lo em si mesmo; não apenas o que é dito sobre ele, trazendo-o à luz do conhecimento, mas colocando-o sob jurisdição da totalidade do que se mostra diante do observador, e não da parcialidade inerente a qualquer pretensão analítica (GALEFFI, 2000).

Concomitante à verificação do próprio fenômeno pela fenomenologia, para sua articulação, a hermenêutica é aplicável na compreensão da realidade mediante a observação reflexiva/refletiva e descritiva dos fenômenos, com consciência intencional e objeto intencionado.

A hermenêutica serve como base quando algo possui seu sentido obscuro ou duvidoso, objetivando o alcance de uma nova compreensão do que estava corrompido por distorção, deslocamento ou mau uso (GADAMER, 2002), contendo “[...] sem necessidade de acréscimos teóricos como apoio central, a questão do diálogo” (STEIN, 2000, p. 121).

Martin Heidegger (2005) torna a compreensão como um “existencial”, isto é, um elemento que faz parte de toda a constituição ontológica da existência (o ser-aí) humana, considerada como o próprio “ser da existência”, na medida em que a existência é marcada com a compreensão do ser, “[...] o existencial que nos permite pensar a partir da compreensão, o modo de ‘fundamentação’ pela circularidade” (STEIN, 2000, p. 108). Assim, propõe uma análise existencial-ontológica da existência humana, objetivando a descoberta e a exposição fenomenológica da constituição original da compreensão ontológica fundada na existência, de qual nasce a “hermenêutica da existência”, ou seja, a interpretação compreensiva do ser-aí e de si mesmo (CORETH, 1973).

Dessa forma, esses dois instrumentos – fenomenologia e hermenêutica – enquanto correntes sociológicas e filosóficas são possibilidades para suprir as necessidades da sociedade como interpretadoras do mundo em sua história, porém essas correntes se encontram separadas pela historicidade e localidade, quanto aos seus pensamentos, compreensões e interpretações. Por isso, buscamos por uma análise de cunho fenomenológico-hermenêutico, com compreensão das potenciais aplicabilidades no

ramo do ensino/pesquisa, para que o autor possa descrever e interpretar o fenômeno como ser atuante em seu desenvolvimento, pois suas visões de mundo contemplam não só a escolha pelo seu estudo, mas também sua interpretação sob o objeto escolhido.

Desponta a possibilidade de aliar esses estudos para aplicação no ensino/pesquisa, propiciando as bases de uma sociedade pós-moderna liberta e reflexiva aos fenômenos em um filosofar, pois “[...] o filosofar pode ser comparado a um despertar, isto é, a uma espécie de insônia pela qual o psiquismo humano reconhece a prioridade do outro sobre o mesmo” (FABRI, 2007, p. 19).

A filosofia é filosofia de seu tempo, no qual a compreensão de seus pensamentos está caracterizada sob a história corrente, com sua forma acima de seu tempo, não sendo possível influenciar a história diretamente, mas ser influenciado por ela (SCHMIED-KOWARZIK, 2002).

No ensino, é identificada a existência de dois tipos de fenomenologia: a reflexiva e a hermenêutica. Na fenomenologia reflexiva, também denominada redução fenomenológica, é suspensa a atitude crítica rasa relacionada à atitude natural do senso comum, presente também na ciência⁴, para encontrar, por meio da reflexão, do aprofundamento das implicações, seu sentido e seu alcance, fugindo dos limites e das especificidades de uma definição (FARBER, 2012). Evidencia-se, do observado, o que ele é em si mesmo, não o que está posto no senso comum nem o que é conhecido no estudo científico, objetivando o florescimento de novas possibilidades de compreensão. Para tal, necessita-se de um afastamento da definição do fenômeno, sem a qual é impossível refletir sobre o fato em si, obtendo-se a caracterização desse sentido do ser (SEIBT, 2012).

De acordo com Husserl (1990), é impossível obter uma redução completa, pois ela é transcendental e fundamentalmente eidética, devendo ser considerada como uma sugestão para apreensão do mundo. Em outras palavras:

[...] não podemos submeter nossa percepção do mundo ao olhar filosófico sem deixarmos de nos unir a essa tese do mundo, a esse interesse pelo mundo que nos define, sem recuarmos para aquém de nosso engajamento para fazer com que ele mesmo apareça como espetáculo, sem passarmos do fato de nossa existência à natureza de nossa existência, do Dasein⁵ ao Wesen⁶ (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 11).

Na fenomenologia reflexiva, a apropriação do conhecimento ocorre a partir de um gesto de suspensão momentânea dos próprios conhecimentos de quem observa para compreender o que vem ao seu encontro – a coisa reduzida ao seu próprio ser enquanto fenômeno –, por isso o nome redução fenomenológica. O acontecimento da apropriação é resultado da observação dos fatos como eles são, de acordo com cada uma das suas realidades, a partir de um afastamento, partindo do testemunho do observador que as nomeia e as percebe, atribuindo-lhes um sentido sem a presença da consciência intencional, cujo objetivo é o estabelecimento de um mundo significativo correlato à consciência significante.

Esta, por sua vez, visa oferecer um sentido profundo de aprendizagem, estando relacionada com o significado apreendido pela consciência intencional. Para tal, o fenômeno tem que ser pensado e repensado a partir de observações e dos atos imaginativos, mas só além destes se encontra a essência. Por isso, há a necessidade da redução fenomenológica, pois só por meio dela se pode ter contato com a essência, que na fenomenologia de Husserl representa o domínio complexo e amedrontador da realidade, manifestado pelo próprio ser como algo sem comparação, pois “a toda vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe a sua essência imanente (singularmente tomada) como dado absoluto” (HUSSERL, 1990, p. 71).

Na fenomenologia husserliana, a essência é inesgotável e versátil. Quando cada parte é revelada (identificada em uma abordagem fenomenológica); a atual não nega as anteriores, mas se soma às já reveladas, propiciando um novo sentido de ser a mesma essência, porque se:

[...] pretende estudar, pois, não puramente o ser, nem puramente a representação ou aparência do ser, mas o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. E fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja (ZILLES, 1994, p. 125).

O conhecer enquanto uma transcendência é proposto por Husserl como a capacidade de ultrapassar os próprios limites e conter em si uma nova possibilidade de ser, caracterizada pelo retorno às coisas como elas são. Em algum momento, as coisas estiveram conosco, então esse retorno significa tornar-se intencionalmente ingênuo para favorecer o estabelecimento de uma nova visão de mundo, relacionar-se com o que se mostra

sem proteções, conceitos preconcebidos ou filtros racionais. Para ocorrer esse contato com as coisas como elas são, é preciso possuir a consciência aberta e estar disposto a transformações, vivendo no interior do sentido do que aparece e de como aparece. Ao orientarmos a observação fenomenológica para o nosso mundo interior, Husserl considera esse movimento como transcendental, não se propondo somente a estudar o ser ou sua representação, mas “[...] o ser tal como e enquanto se apresenta à consciência como fenômeno [...]” (ZILLES, 1994, p. 126).

Assim, podemos constatar que a fenomenologia reflexiva não se restringe à compreensão do fenômeno, mas se amplia à apropriação do fenômeno mediante a suspensão dos próprios conhecimentos e julgamentos do observador. O ato fenomenológico não se faz sem o surgimento de uma nova visão de mundo ou de transcendência de si mesmo. Porém, complementarmente à fenomenologia reflexiva, mas ainda no âmbito do ensino, surge a fenomenologia hermenêutica como uma tentativa de constituir um olhar não teórico sobre o fenômeno (SEIBT, 2012). No entanto, para que possamos compreender a fenomenologia hermenêutica, precisamos olhar antes para a própria hermenêutica.

A hermenêutica surge para extrair dos parênteses o mundo da realidade, no qual foi posta para que sobre ela se fizesse uma observação reflexiva e descritiva dos fenômenos, com consciência intencional e objeto intencionado. A hermenêutica nasce na fenomenologia da necessidade do aprender junto, de compreender a realidade, de captar as intenções na sua essência mais pura, concatenada com o contexto dos acontecimentos. Surge da conveniência de realizar a união entre correntes sociológicas que, sozinhas, não conseguiram suprir as necessidades da sociedade como interpretadoras do mundo, pois estavam tipicamente separadas pela historicidade e localidade, como a sociologia compreensiva da Alemanha e a sociologia explicativa da França.

Diferentemente da fenomenologia reflexiva, na qual o eu permanece observador e o outro permanece observado, o ser hermenêutico é obrigado a ter a mente aberta, sair de sua posição de conforto, transpor as barreiras do seu eu (sua psiquê – seu si mesmo) e colocar-se no lugar do outro, mas de maneira a entrar na vida do outro, analisando-a no sentido de perguntar a si mesmo como esse outro reagiria em determinada situação. Em suma, a hermenêutica consiste em estabelecer e analisar hipóteses que, em tese, são inerentes às intenções que a unidade psicológica elaboraria na jornada de conhecimento do outro e de si mesmo, como uma unidade.

O hermeneuta viaja pela obra para chegar ao autor. Chegando, transforma-se nele, participa de sua vida, vive como se fosse ele. Posteriormente, volta para a obra e a descreve de forma a recompor suas emoções e sentidos, em uma espécie de experimentação. Nessa recomposição, o hermeneuta pretende propiciar ao novo leitor a máxima vivência possível do ser que está sendo descrito.

A fenomenologia hermenêutica, portanto, permite não só a visualização do fenômeno, com a suspensão dos preconceitos do observador, mas a compreensão e a interpretação, provindas da imersão do observador no mundo do observado, e a aproximação com o fenômeno e a consequente reestruturação da própria visão de mundo. Possibilita a reflexão e a compreensão da existência humana, dos conhecimentos antes apropriados de maneira empirista, racionalista ou apriorista.

A fenomenologia hermenêutica na pesquisa qualitativa no ensino

A pesquisa no ensino, de forma geral, exceto a censitária⁷, é qualitativa e não deve ser generalizada. Geralmente, possui como característica sua realização no próprio ambiente humano em que ocorrem os fatos investigados, por considerar o pesquisador como agente decisivo do estudo e incluir nessa consideração os fatos e as formas com que estes são transformados em dados, assim como identificar a importância dos seus significados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Na pesquisa qualitativa, o pesquisador está em campo realizando observações, entrevistas ou analisando documentos. Cada uma dessas ações pode ter variações, como na observação participante, nos questionários e na metanálise, respectivamente. Além disso, subtipos da pesquisa qualitativa podem assumir identidades muito características, como na etnografia⁸ e no estudo de caso⁹.

Da interação entre o pesquisador e o objeto estudado, mediada pelo processo qualitativo de pesquisa, devem, portanto, emergir respostas para as perguntas que geraram o estudo, e estas vêm, invariavelmente, na forma de textos. Em algum instante do processo, variável conforme a metodologia específica e os instrumentos utilizados, a realidade analisada é textualizada, seja pelo sujeito e depois pelo pesquisador, seja diretamente pelo pesquisador.

Às vezes, como ocorre em uma pesquisa observacional (LUNA FILHO, 1998), já o primeiro texto pode responder às perguntas da pesquisa, mas, na maior parte das investigações educacionais, os textos passam por

processos de análise, na tentativa de extrair deles o que ali esteja oculto ou subentendido. Para isso, há elaborações de análises textuais, como a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), a análise de prosa (ANDRÉ, 1983), a análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2006), a análise genealógica do discurso (FOUCAULT, 1996) ou, mais genericamente, a análise de discurso (SILVA, 2005).

Mesmo supondo que o pesquisador realize, de forma rigorosamente coerente, determinada metodologia na coleta e no tratamento dos dados, haverá diferentes graus de confiabilidade das análises de texto, conforme o grau de fidedignidade das fontes, pois, se houver vieses nas fontes, estes vão aparecer nos resultados da análise, falseando-os. Podemos exemplificar essa possibilidade no caso de pesquisas documentais (GODOY, 1995), quando as fontes podem ter interesses não declarados, como em certas reportagens, discursos políticos ou propagandas, por isso a importância de o pesquisador documental ter extremo cuidado ao escolher suas fontes.

Há também a questão da historicidade – algo sobre o qual não se discute o suficiente na área de ensino. A historicidade vem a ser a localização dos fatos em perspectiva temporal e espacial, e a consideração de que estes tenham realmente acontecido de determinada forma, e não de outra. Em princípio, o pesquisador assume que o que é dito, escrito ou observado, no contexto de sua pesquisa, é fato histórico (em um sentido rigoroso e estrito), ou seja, representa fielmente o aspecto da realidade que está sendo estudado, como se os dados refletissem objetivamente a realidade, quando isso realmente não pode ser assim. A história é uma idealização, e não um conjunto de fatos, pois é permanentemente construída e reconstruída pelos que contam os fatos. Os historiadores têm uma área específica de estudo sobre isso, que se chama historiografia.

Trazida essa constatação para área do ensino, isso significa que qualquer dado obtido em uma pesquisa, não importando o instrumento por meio do qual tenha sido obtido, pode ser utilizado para a constituição de imagens da realidade igualmente válidas, embora possam ser, inclusive, contraditórias. Além disso, ao transcrever uma entrevista, por exemplo, o pesquisador terá, por força do método, que fixar-se nas palavras ditas e não poderá trazer para análise informações paralinguísticas (não verbais) que o entrevistado forneceu simultaneamente à fala. Em outras palavras, o dado constituído não reflete, nem de longe, a complexidade da realidade investigada. Alegação análoga pode ser feita em relação à aplicação de questionários.

Muitas pesquisas acadêmicas no ensino incluem como fontes primárias observações dos próprios pesquisadores, que estão imersos nos casos estudados a tal ponto que a análise assume características etnográficas e de observações participantes. São estudos de caso, entendidos de forma ampla. Em uma averiguação típica, um pesquisador analisa certo aspecto de determinada situação educacional, recolhendo informações que ele próprio transforma diretamente em texto, aplicando sobre este as metodologias de análises textuais citadas.

Toda pesquisa qualitativa pressupõe, em grau variável conforme os diferentes métodos, que existe inevitavelmente certa subjetividade do investigador que influencia a investigação. Esse reconhecimento da subjetividade, porém, não se materializa nas metodologias analíticas textuais, que tentam refletir fielmente o corpus, ou conjunto de dados da pesquisa, como se esse corpus não contivesse o viés inerente ao pesquisador, em toda sua complexidade. Mesmo quando o estudo de caso atinge seu limite invasivo – na pesquisa participante, por exemplo –, pretende-se que os resultados trazidos pela análise de textos sejam representação fiel de, pelo menos, certos aspectos da realidade estudada.

Uma das modificações disponíveis é a introdução, na pesquisa, da história de vida do investigador, em seu sentido mais amplo. Explicitando extensamente tudo o que pensa e como age em relação ao tema tratado, incluindo sua apropriação de todos os conhecimentos teóricos necessários, pois:

Reconhecendo que a visão que temos da realidade dependerá de nossas construções, é que o homem reconhece, ao mesmo tempo, a falibilidade de sua percepção, pois ele percebe que seus julgamentos e valores não são a verdade, mas sim a sua verdade, ou seja, do que ele entende do que seja a verdade e mais, do que ele entenda que seja a verdade naquele momento. Entende-se com isso que nossas opiniões são particulares e instáveis e não universais e absolutas, reconhecendo, ao mesmo tempo, que é inegável a mediação biológica e cultural presente em nosso processo cognitivo (ANDRADE, 2012, p. 109).

Dessa forma, o próprio texto-base já pode conter o relato, a descrição e o parecer, a vivência e a síntese que se pretende alcançar sobre o fenômeno estudado, sem a necessidade da aplicação de processos de fratura e reconstituição de textos, “[...] cuja importância fundamental é

exorcizar o empirismo das abordagens sociais” (MINAYO, 1992, p. 17). Relacionando essa proposta com a prática educativa, podemos realizar uma comparação com os estudos qualitativos, do tipo que são desenhados para compreender o comportamento dos alunos mediante determinadas situações, pois “[...] a Fenomenologia busca transcender o individualmente relatado na descrição e avançar em direção à estrutura do relatado, ou seja, do nuclear das vivências sentidas e descritas” (BICUDO, 2011, p. 46). Em pesquisas cuja tarefa inclui analisar dados com uma abordagem fenomenológica hermenêutica, devemos considerar que “a função transcendental, realizada pelo ensino, conduz o desafio da interpretação, mas é necessário mostrar que uma tal relação clama por uma fenomenologia da própria situação dialógica” (FABRI, 2007, p. 24), pois:

[...] nas abordagens fenomenológico-hermenêuticas, predominam a visão existencialista de homem. Este é tido como projeto, ser inacabado, ser de relações com o mundo e com os outros. [...] desenvolver e possibilitar um projeto humano, criando as condições para que o homem consiga ser mais; é conscientizar (SOUZA, 2001, p. 35).

Uma metodologia de pesquisa baseada nessas concepções está relacionada a uma interdisciplinaridade do tipo transdisciplinar, construída em um substrato fenomenológico-hermenêutico, no qual ocorre “[...] uma modelização epistemológica nova para a compreensão de fenômenos [...]” (SOMMERMAN, 2006, p. 37), cujo objetivo é compreender e interpretar o mundo presente por meio da unidade do conhecimento.

A proposição de uma pesquisa qualitativa para o ensino, com concepções fenomenológicas e hermenêuticas, visa permitir ao pesquisador a realização de observações e entrevistas a partir de um pressuposto divergente das demais metodologias de análise, quando “[...] usando-se todo o instrumental teórico e metodológico que ajuda uma aproximação mais cabal da realidade, mantém-se a crítica não só sobre as condições de compreensão do objeto como do próprio pesquisador” (MINAYO, 1992, p. 21).

O pesquisador vai ao significativo, cuja emersão se dá na aproximação com o fenômeno em si e, fundamentado na compreensão e na interpretação, busca o significado a partir do contexto em que o significativo se mostra, concomitantemente à inserção das visões de mundo do próprio pesquisador como sujeito ativo de sua própria pesquisa.

Notas

- 1 Mestre em Educação em Ciências e Matemática. Docente do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: medeiros.geisa@gmail.com
- 2 Pós-doutorado em Enseñanza de las Ciencias da Facultad de Educación da Pontificia Univerisdad Catolica de Chile. Professor titular da Faculdade de Física (FAFIS) da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). E-mail: jbrfilho@puers.br
- 3 Definido como os fatos contra os quais nos colocamos ou somos colocados em confronto, não dependendo de nossas escolhas (HEIDEGGER, 1990).
- 4 “[...] toda ciência é comprometida. Ela veicula interesses e visões de mundo historicamente construídas e se submete e resiste aos limites dados pelos esquemas de dominação vigentes” (MINAYO, 1992, p. 21).
- 5 O ser-aí. Já existe antes de qualquer enunciado, argumento ou interpretação (ALVES, 2011).
- 6 A essência (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 22).
- 7 Obtenção de dados por métodos estritamente quantitativos.
- 8 “Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula” (MATTOS, 2011, p. 51).
- 9 “[...] origem na pesquisa médica e na pesquisa psicológica, com a análise de modo detalhado de um caso individual [...]. Com este procedimento se supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso” (VENTURA, 2007, p. 384).

Referências

- ALVES, Marcos Alexandre. Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da educação. **Acta Scientarium Education**, v. 33, n. 71, p. 17-28, 2011.
- ANDRADE, Claudia Castro de. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. **Griot - Revista de Filosofia**, v. 6, n. 2, p. 98-121, dez. 2012.
- ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo Afonso. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 45, p. 66-71, 1983.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda./ Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

FABRI, Marcelo. **Fenomenologia e cultura: Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FARBER, Marvin. Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 18, n. 2, p. 235-245, dez. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II: complementos e índice**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto – A fenomenologia de Husserl? **Ideação**, n. 5, p. 13-36, jan./jun. 2000.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo: Parte I**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA FILHO, Bráulio. Sequência básica na elaboração de protocolos de pesquisa. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 71, n. 6, p. 735-740, 1998.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães; CASTRO, Paulo Almeida (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência e Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SCHMIED-KOWARZIK, Woldfdietrich. **Práxis e responsabilidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: da fenomenologia reflexiva à fenomenologia hermenêutica. **Princípios – Revista de Filosofia**, Natal, v. 19, n. 31, p. 79-98, jan./jun. 2012.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes. Sobre a análise de discurso. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 4, n. 1, p. 16-40, 2005.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinar?** Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus, 2006.

SOUZA, Osmar. Abordagens fenomenológico-hermenêuticas em pesquisas educacionais. **Revista de Educação da Univali**, ano 1, n. 1, p. 31-38, jan./jun. 2001.

STEIN, Ernildo. **Diferença e metafísica**: ensaios sobre a desconstrução. Porto Alegre: Edipurcs, 2000

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SOCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out. 2007.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 1994.